

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica Class.: 217

Data 04/07/93 Pg.: _____

As pessoas sofrem por serem 'índias'

Ser índio no Amazonas é sinônimo de dor e vergonha. "As pessoas sofrem ao serem identificadas como ou de origem indígena", afirma a antropóloga e pesquisadora da Universidade do Amazonas, Rosali Michelli, ao condenar a igualdade que aprofunda as desigualdades. "Nós vivemos numa sociedade cujo conceito de igualdade é hipócrita, baseado na diferença de tom da pele, onde há hierarquia entre pessoas consideradas mais brancas ou mais negras. Nessa hierarquia há a convivência de menos negros com mais brancos que mina o movimento organizado,



reafirmando o preconceito que se faz não só por exclusão do outro, mas também por auto-exclusão", analisa Rosali.

Há mais de 20 anos trabalhando com este tema em diversos segmentos, a antropóloga adverte que é preciso observar que toda generalização é perigosa, na medida em que para fazê-la, tem-se que excluir ou incluir fatos e atitudes cujo resultado pode funcionar como faca de dois gumes: enquanto é motivo de defesa para um, outro ataca. "Na generalização está a origem do preconceito", aponta Rosali que na avaliação da sociedade brasileira, identifica a hipocrisia racial. "Veja a relação com as empregadas domésticas, que aqui no Amazonas são as caboclas e nos demais estados são

as negras. A relação é do tipo: nós nos precisamos mutuamente, somos amigos, faz parte da família, é como membro, mas na hora de pagar o salário, quer dar qualquer coisa", exemplifica. No Brasil, segundo ela, a discussão sobre o preconceito racial ou de classe, mas na verdade, quando a discussão chega na classe social é porque já excluiu todo mundo de cor. "E como se tivesse um filtro e por este passasse nomes como o Pelé".

Índio não passa porque nenhum índio chegou a ocupar algum lugar de destaque na sociedade, a exemplo de Pelé. Rosali lembra que no Amazonas todos são caboclos, mas a hierarquia de cor 'separa' ilusoriamente um dos outros e há a negação da origem, como coisa vergonhosa, humilhante. "Quem não tem bem conformada sua própria identidade terá problemas em deixar o outro ser nas suas próprias bases. Quando negamos o lugar do outro, o valor do outro, a humanidade do outro, estaremos, consciente ou inconscientemente negando nosso próprio lugar, já que não se constrói nada sendo apenas um", reflete a antropóloga para advertir: quem não be o lugar do dois ou doe três não sabe o lugar do um.

Na verdade, Rosali diz que sempre haverá preconceito, porque o homem sempre procurará estabelecer diferença entre si e o outro. "Ao contrário do que possa parecer, numa visão imediata, o preconceito não é apenas o não deixar o outro entrar no mundo que acreditamos só a nós pertencer, mas também se negar a participação num projeto real de comunidade", afirma. Segundo ela, a exemplo do poder, o preconceito faz parte da personalidade humana e nunca vai desaparecer porque o homem sempre procura estabelecer diferenças entre si. "O que se pode fazer é administrar o problema com educação para liberdade", finaliza.



No Amazonas, o povo tem vergonha de lembrar sua origem indígena

Uma história que já vai fazer 500 anos

Há quase 500 anos, quando o navegador português Pedro Álvares Cabral desembarcou na chamada "Ilha de Vera Cruz", depois chamada Brasil, trouxe a arma que quase exterminou os habitantes daquela ilha -os índios- e continua hoje a fazer vítimas: o preconceito. "Antes de nos matar, eles quiseram nos fazer iguais a eles. Mas índio é aquele que vive em liberdade, não ganha salário mínimo, não paga luz, água para tomar banho, aluguel, não tem dívida na taberna... Nós sofremos muito por não ser igual ao branco, quase orremos todos como cordeiros calados", disse o Tukano Manuel Fernandes Moura. No Amazonas, o povo tem vergonha de lembrar a origem indígena, tão marcante na fisionomia e costumes. "Isso quem fez foi o branco, que criou essa vergonha", afirma.

Há mais de 20 anos no movimento de luta pela de-

marcação das terras dos índios, Moura denomina o preconceito racial como sinônimo de extermínio para os 180 grupos indígenas que vivem no Brasil, dos quais 144 estão na Amazônia Legal. "Quando Cabral chegou nós éramos 930 grupos", indica. Definir o branco para Manuel Moura é fácil: "o branco é o político, empresário, latifundiário, mineador, todos os que querem o único bem que os índios têm que é sua terra. Esses homens que nascem em caixas de cimento, vivem em caixas de cimento, sem conhecer a natureza, dormem em camas de ferro, suas portas são de ferro, o caminho, a escola, tudo é de cimento, poluído e por isso não entendem que índio tem outros valores". O Tukano que faz questão de ser chamado de Tukano porque a denominação de índio "é pejorativa", lembra que o branco vê o índio como o ser que tem uma peninha na cabeça, anda com

o corpo pintado, sem roupa e o pior, sem condições de pensar. "Só diz que não é mais índio quando está interessado é ignorante, burro e incapaz. "Se nós temos que trabalhar, morar, pensar, estudar igual branco é porque nossos valores para eles não representam nada", pondera. O próprio Manuel Moura passou por uma experiência singular: "Em 1978, quando eu comecei a entrar no movimento indígena, ouvia as pessoas dizerem que só tinha valor quem tinha estudo superior e quis estudar administração na Faculdade, mas a Funai fechou a porta para mim. Eu ouvia as pessoas dizerem: chegou o índio sujo e nunca pode estudar", lamenta Manuel. O preconceito, segundo o Tukano está representado no extermínio do povo indígena, porque para o branco isso é representa a superioridade. "Eles nos matam pelo que somos e que eles não puderam ser", conclui.



Na cidade, os descendentes de índios vivem nas áreas insalubres